

# Ecoss de Guimarães

X Ano

ORGÃO MONARQUICO

Numero 44

Redacção e Administração  
**EM GUIMARÃES**  
Rua Gravador Molarinho, 47

Director, proprietario e editor  
**JOÃO PEREIRA DA COSTA**  
Guimarães, 20 de Novembro de 1926

Composição e Impressão  
**Tipografia «LUSITANIA»**  
Perto do Tribunal

## A estrada de Longos

Não sei se a comissão administrativa deste concelho tomou ou deixou de tomar alguma resolução a respeito da estrada de Santa Cristina de Longos. Tomasse ou não tomasse alguma resolução, é necessario que essa estrada se conclua o mais breve possível.

De todas as freguesias das extremas do concelho é a unica que, apesar da sua consideravel população e importancia agricola, ainda não goza do beneficio duma estrada. Os seus caminhos de comunicação com as freguesias vizinhas são pessimos, como é facil verificar a quem tenha duvidas a esse respeito.

A estrada já está iniciada ha muitos anos. Pouco mais de dois kilometros falta para a levar ao seu termo. Não ha razão nenhuma que justifique o adiamento da sua conclusão. Talvez que a comissão administrativa alegue falta de verba disponivel para esse fim. Não colhe esta desculpa, se por ventura a alegar. Como é pequena a extensão do trecho que resta abrir, a despesa não ha de ser grande. E se não houver verba disponivel, porque se não ha de contrair um emprestimo para esse fim?

Aquella estrada foi começada por solicitações do dr. Manuel Dias da Silva, filho da freguesia que ele ia beneficiar. Pois bem, na comissão administrativa encontra-se o sr. dr. Dias da Silva, sobrinho daquele. E' justo que agora procure honrar a memoria do tio, lidando por que se conclua a obra em que ele tinha tanto empenho. O facto de ter na freguesia de Longos muitos parentes e amigos deve levá-lo a teimar e insistir junto dos seus colegas para que aquella freguesia seja concedido o beneficio a que tem innegavel direito.

E' justa esta causa em que deve pôr todo o empenho. Não é um favor politico que solicita. Não procura servir somente amigos e parentes. E' um beneficio publico que se esforça por conseguir para proveito duma freguesia que o merece. Os maus caminhos que ha nessa freguesia e que a câmara transata nunca procurou melhorar, a longa distancia que a separa da sede do concelho, a importancia da sua produção agricola, tudo isso deve influir para que não haja mais demoras na conclusão da estrada.

A freguesia de Longos paga contribuições municipais como todas aquelas que da municipalidade tem recebido beneficios,

## Aniversário Régio

Passou em 15 do corrente, o aniversário natalício de Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Manuel II.

Por tal motivo o "Ecoss de Guimarães," fiel ao seu principio e à sua orientação que, desde o seu primeiro número, sempre teve, apresenta a Sua Magestade as suas muito respeitadas e sinceras saudações.

## A integridade do Concelho

O nosso illustre amigo Sr. Dr. Alfredo Dias Pinheiro, distinto professor do Liceu Martins Sarmiento que a Guimarães tem prestado grandes serviços mandou para o «Diário do Porto» a carta que segue e que com o maior prazer registamos no nosso modesto semanário.

Não precisa, o Sr. Dr. Dias Pinheiro, de defensores para provar o seu grande amor por Guimarães e pelas coisas de interesse público, pois todos os vimezanenses bem intencionados lhe fazem essa justiça, e a maior prova de confiança que a Sua Ex.<sup>a</sup> podiam dar foi a de o fazerem reconduzir por três vezes no lugar de Provedor da nossa primeira casa de Caridade, que elle com elevado critério e muito esforço tem conseguido debelar a maior crise por que a Santa Casa da Misericórdia tem atravessado.

Ele tem vivido para Guimarães e ninguém de boa fé poderá afirmar o contrario.

S. Ex.<sup>a</sup> merece o respeito e carinho de todos os vimezanenses, pelo desinteresse e boa vontade que sempre mostrou na defesa desta terra.

Ex.<sup>mo</sup> Sr. Director do «Diário do Porto».

Peço-lhe o favor de publicar no seu acreditado jornal os comentários que seguem, o que lhe agradeço.

Não costumo responder ao que os jornais dizem de mim. Mas,

e até hoje ainda não houve camara nenhuma que se lembrasse de repartir por ela as suas benfeitorias. Pois é preciso que acabe esse esquecimento que molesta como um desprezo.

Não largaremos mão deste assunto, se virmos que a actual edilidade não lhe dá a atenção que merece.

agora, por motivos especiais, respondendo ao que o sr. Carlos Bravo afirmou numa entrevista publicada no jornal de que V. Ex.<sup>a</sup> é muito digno Director, n.º 146, 8.<sup>a</sup> página, de 11 do corrente mês.

Eu não sou flaviense; sou vilarealense, nascido perto do Marão, e sou, há bastante tempo, munícipe de Guimarães, onde tenho desempenhado vários cargos. E não me parece que, por não ter nascido aqui, esteja impedido de trabalhar em beneficio desta terra que me tem tratado bem.

E até o mais rudimentar bom senso mostra que cada um deve trabalhar na terra em que se encontrar. Doutra maneira, um individuo não trabalharia na terra onde nasceu, por não estar lá; nem naquella onde vivesse, por não ser de lá.

Isso seria um absurdo.

Certos comodistas e alguns empatas é que costumam seguir a opinião que o sr. Carlos Bravo parece seguir, mas que, com certeza, não segue, porque o seu espirito juvenil e inteligente lho não permite.

Fiz parte da Comissão que foi a Lisboa pedir que se mantivesse a integridade do concelho de Guimarães, porque isso me foi solicitado e eu concordei com os argumentos que me foram apresentados.

E os vizelenses, que se interessavam pela criação do seu concelho, não tiveram dúvida em pedir para isso o auxilio de individuos extranhos à sua terra e alguns dos quais até mal poderiam conhecer.

E' certo que na entrevista que dei ao jornal «A Epoca» eu disse que os habitantes de Guimarães não conheciam em Vizela nenhuma pessoa em destaque que fôsse favorável à criação do concelho.

Verifiquei em Lisboa que a Comissão, que se dizia que andava por lá a defender os presumidos

(Continua na 2.<sup>a</sup> página)

## A conferência de Rui Chianca

Com uma assistencia selecta, constituida por tudo quanto em Guimarães marca pela sua distincção e valor, realizou-se no passado domingo, como fôra anunciado, a conferencia que sob o tema A Reconquista de Portugal, Rui Chianca veio fazer à nossa terra.

E, na verdade, todos aquelles que gosaram tam breves momentos de prazer espiritual — tão breves nos pareceram porque tam rapidamente se passaram — louvam ainda hoje, já passados alguns dias dessa memoravel noite, a iniciativa bela da Sociedade Martins Sarmiento, trazendo até nós quem em terra dos Brazis, tem sabido honrar o nome de Portugal e dos portuguezes.

A conferencia que foi precedida pela apresentação do conferente, feita em termos claros pelo presidente da Sociedade sr. coronel Duarte do Amaral, foi bem um hino de louvôr e fé. Rui Chianca mostrou-nos não ser apenas um palavroso, mas um homem decidido e de acção. E se a nossa simpatia já se manifestava a seu favor, ao lermos a revista Portugal! que Rui Chianca tão distintamente dirige, mais e mais ella se foi acentuando à medida que o distinto conferente ia narrando, à boa maneira portugueza, a historia dos portuguezes no Brasil, focando com mão de mestre, os lances mais palpitantes e de mais actualidade da vida da nossa gente nas terras de Santa Cruz.

E quantas verdades nos foram reveladas e quantas lições aprendemos nos curtos momentos da conferencia! Tudo passou, cinematograficamente, ante nossos olhos! A paisagem do Brazil, as obras de beneficencia, recreio e estudo, que os portuguezes tem levantado na Nação-irmã, a vida canceirosa e algumas vezes miseravel dos povos que vão para além-atlântico na esperança de poderem abanar ainda a arvore das patacas, analfabetos sem outros recursos que os seus braços musculosos, que tem de manter uma vida errante e cheia de privações, tudo Rui Chianca nos descreveu admiravelmente. E aquella exultação final tão cheia de fé, tão vibrante de sinceridade, tão docemente tocada pelo amor patrio, pela sua fé nacionalista, pela sua esperança na Restauração de Portugal, que tanto e tanto nos entusiasmou e muito nos comoveu!

Bem haja a Sociedade Martins Sarmiento pela graça que nos concedeu.

## Distracções

### Desgraças

Graças a Deus é um facto averiguado já por alguém a ligação telefonica desta cidade com os principais centros do Paiz, portanto é provavel que a nossa Câmara já possua o seu aparelho e esteja em contacto directo com meio mundo, sabendo o que nele se passa de anormal, não estranhando por isso a novidade de lhe dizermos que os ultimos temporais deixaram certas freguesias do concelho sem caminhos publicos, sem pontes, sem ligações de qualquer especie para carros e para as estradas destruidas ou camariarias.

Ha localidades completamente isoladas. Ficaram lavradores em tais circunstancias que, se a ex.<sup>ma</sup> Commissão Municipal não ordenar com urgencia as obras necessarias, não poderão fazer as suas sementiras de inverno, acarrejarão os seus estrumes ou matos para a sua lavoura que terá de fazer-se até ao Natal, com prejuizo de ficarem os campos incultos, não remediando tais obstáculos. Como, porém, algumas juntas paroquiais já reclamaram sobre o assumpto vamos avaliar dos despachos para ficarmos sabendo até onde se estende o concelho — V. M.

## INACREDITAVEL

Já está substituída a Junta de S. Martinho de Candoso. Os democraticos continuam a sua politica de sapa encontrando ao que parece, todas as facilidades da parte de quem melhor deveria defender a situação actual, não se deixando levar por pressões de maus politicos.

A junta de Candoso foi substituída por ter pedido uma sindicancia para a junta democratica por ter encontrado irregularidades nos respectivos livros.

O Meretissimo Juiz temou conta do caso e estamos certos de que os politicos não conseguirão agora os seus fins, a falta de espaço obriga-nos a dar só esta pequena noticia prometendo esclarecer melhor para o proximo numero.

## Espectaculos de Arte... avariada

Tivemos aqui na semana finda a companhia da actriz Cremilda de Oliveira, cujas peças representadas deixaram muito a desejar, embora o trabalho dos principais artistas, quer na declamação quer no canto agradasse aos mais exigentes.

Scenário algo franciscano para *toilettes* tão finas e de tão requintado gosto.

Mas as peças são realmente duma «degradante imoralidade!»

Sobretudo o *Bom-hom* e a tal *Mosca de Milão!* Esta última leva as lampas a todas as outras! E' uma mosca que apesar de ser de Milão deixa a perder de vista a sua colega mosca varejeira!... Que repugnante!

Teatro moderno?!... Ora... ora... ora!...

O teatro moderno não deve fazer corar nem provocar vômitos!

Chamando-lhe moderna pornografia, acertam, mas teatro moderno, não. Isso nunca!

Vossas excelências assistiram às lindas récitas da Rey Colaço e da Ilda Istehini? Assistiram, não é verdade? Pois nenhuma das peças aqui levadas à scena por aquelas também illustres comediantes pertencia ao teatro antigo! Nem uma só!

Tudo moderno, tudo novinho; tudo autêntico modelo de Paris! De Paris, sim!

Da grande capital não vem só o reles, o baixo, a porcaria, o que cheira a alho e tresanda a «grêlo»...

Da Pátria de Molière vem também o que é bom, artigo fino e delicadamente perfumado!

Vem calão, é certo, mas também vem linguagem elegante, graça, espirito e delicadeza!

Vem «linha» e vem «lata».

Vem para todos os paladares...

A França exporta bom e mau. E' consoante a freguesia... A questão é saber escolher. E na

escolha é que está tudo!...

E nêsse tudo é que está o teatro moderno!

E a gentil Cremilda não foi feliz nas peças que escolheu e fez representar. Quem, como ela, tem talento e beleza, quem como ela, é alguém na scena, e se faz acompanhar de alguns artistas de valor, não pode, não deve, não tem direito a levar à ribalta peças que a façam desmerecer do conceito e da alta estima que o público justamente lhe consagra!

Aquilo é demais!...

Como de mais foi o abuso de alguns actores que por diversas vezes metiam de casa o que lhes dava na gana, na veneta!...

Abuso que em vez de receber tacção, teve do ingénuo *galinheiro* vibrantes gargalhadas!...

Abuso que chegou ao cúmulo quando um dos actores, numa scena das mais *escabrosas* declamou: «O' Cristo, anda c'ábaixo ver isto!»

Nesta altura, diga-se em abono da verdade, a sincera e boa gente do *galinheiro* ferida na sua crença, fica cabisbaixa, e em sinal de protesto e da mais justa indignação, dá a alternativa nas gargalhadas—O' Céus! —a alguns devotos do Sagrado Coração e da Santa Terezinha do Menino Jesus!!!

Da Santa Terezinha?!... *Abrenúncio, Satanaz!*

E a blasfémia, a estúpida irreverência, que nem sequer teve originalidade, ecoou em toda a sala, e toda a sala ficou silenciosa... muda... quêda... e *cheia de fumo!*.....

De fumo provocado por alguns espectadores que, sem respeito pela *autoridade* e pelos outros, confundem Guimarães com Fornos d'Algodres e o nosso pobre *D. Afonso* com um circo de cavalinhos!...

Um admirador do Teatro Moderno.

## Reparo justo

Habitado a gastar o tempo no desempenho do cargo em que fui investido e no convívio da familia para quem vivo, nunca me preocupou a vida alheia nem as boas ou más referências que de mim fizessem, porque já me não convem falsas *jeremiadas* nem me apavoram as mais terríveis ameaças.

Hoje, porém, que me chamam a atenção para uma local do semanario «Ecos de Guimarães» em que são visados os empregados da Santa Casa, deixaria a minha alma ralada de remorsos se, como costume, permanecesse no silencio sem provar ao autor da referida local que me surpreendeu a sua admiração pela não comparência de aqueles a um acto a que não são obrigados. Os empregados da Misericórdia, pelo facto de lhe serem sujeitos, não são obrigados a prestar serviços além de aqueles que são expressos nas condições do concurso, nem podem envergar o balandru a não ser que sejam irmãos. E, como irmãos, não são obrigados a comparecer a quaisquer actos que não sejam dos suas atribuições de empregados a não ser por deferência para quem superintende na direcção e administração da Irmandade. Quando entrei para a Irmandade apenas tive em vista os seus beneficios espirituais, pois as restantes regalias não tenciono usufrui-las.

Conheço muito bem o benéfico e salutar conforto d'esses Anjos da Caridade que servem desinteressadamente esta santa instituição e admiro-os, mas, com franqueza, não os troco pelos carinhos da familia e por isso dispense-os.

Não são irmãos somente certos empregados da Misericórdia a quem, certamente, se querem referir; muitos mais há que o são também, e se os que não estão ao serviço da Misericórdia podem faltar às festividades que elle celebra, igualmente os empregados da mesma, visto os direitos serem os mesmos. E... sejamos sempre justos para não merecermos reparos e evitarmos censuras.

UM IRMÃO.

## UM APÊLO

O «Ecos de Guimarães» sempre pronto a acudir à desgraça, patrocina uma subscrição a favor duma familia extremamente pobre, que, no momento mais rude da miséria, apela para a caridade pública solicitando o nosso jornal, que de perto conhece. Aos bons corações recomendamos este caso.

Transporte . . . . . 25\$00

(Continuação da 1.<sup>a</sup> página)

interesses de Vizela, não era formada por pessoas que se destacassem muito, pois nem mesmo se sabia bem quem eram. Ainda hoje eu ignoro os nomes dos individuos, em destaque ou não, que compunham a tal Commissão.

O sr. Carlos Bravo garante-me que ainda não falou com um único individuo vizelense, desde o mais humilde ao mais categorizado, que não perfilhasse, com o maior entusiasmo, a ideia da autonomia.

Por vizelense deverá entender-se o habitante de qualquer das duas freguesias de Vizela, e o concelho não seria formado só por elas. Outras freguesias, e não poucas, das que constituiriam o concelho de Vizela, reclamaram contra a sua desanexação do concelho de Guimarães. A unidade de vistas, pois, deixa muito a desejar.

Há uma frase feita que consiste em dizer que alguém afirmou alguma coisa por ignorância ou má fé, e que nem sempre se aplica com todo o rigor do sentido.

Eu estou convencido de que o

sr. Carlos Bravo só ao de leve me quis aplicar tal frase, por eu ter dito que o concelho de Vizela não teria condições de vida.

As entidades officiais, pelo visto, também teem procedido por ignorância ou má fé, pois não teem atendido os desejos dos vizelenses.

Quando a Commissão de Guimarães estava para falar com o sr. Ministro do Interior, appareceu-lhe o sr. Artur Brandão, antigo Governador Civil de Braga e antigo deputado por Guimarães, o qual já tinha falado com o sr. Ministro, sem nós lho termos pedido, sobre o caso de Vizela e Guimarães.

Este senhor, em resposta a uma pergunta que lhe fiz, disse que, naquele momento, estava ao lado dos de Guimarães. Também este, segundo a teoria do sr. Carlos Bravo, estava em ignorância ou má fé, não obstante os vizelenses terem-lhe apresentado, ainda não havia muito tempo, os seus argumentos, e terem solicitado o seu concurso. Vê-se que eu estava bem acompanhado.

Se é certo que a Câmara Mu-

nicipal de Guimarães tem recusado a Vizela o que ela racionalmente lhe tem pedido, é porque os politicos de lá, que teem tido assento na Câmara, não teem sabido defender os interesses que lhes teem sido confiados. E se agora Vizela não tem ninguém na Commissão Administrativa da Câmara Municipal de Guimarães, é porque não quis fazer-se representar, conforme me afirmou pessoa competente.

E' sabido que o democratismo tem dominado em Vizela, como em todo o Portugal, há bastantes anos, com pequenas interrupções. Tem tido lá os seus representantes. Por isso não compreendo porque é que os vizelenses não souberam aproveitar as várias oportunidades que tiveram para vingar as suas pretensões.

O que está provado é que ninguém lhes tem reconhecido justiça, nem mesmo os seus conterrâneos politicos.

Se não é verdade isto, é certo que tais politicos pouco significaram.

Eu não lhes levo a mal as suas aspirações, e fraco é quem não

tem aspirações, mas julgo-as irrealizáveis, ao menos por agora.

A atitude que alguns vizelenses tomaram, e que foi mais ou menos agressiva para com Guimarães, nada veio adiantar.

Veio só mostrar que aumentará a irritação que existia, mais ou menos latente, entre as duas terras minhotas, dignas de boa sorte.

Melhor seria, creio eu, que houvesse uma aproximação entre elas para se conhecerem e estimarem mais.

Guimarães, ciosa da sua nobre história e do seu poder, não cederá facilmente à fôrça.

Cederia melhor se fôsse possível uma harmonia.

O tempo, porém, mostrará mais uma vez que vencem os mais fortes; e que os grandes organismos teem mais razões de existir do que os pequenos.

E não serei eu que desejarei mal a Guimarães nem a Vizela. Guimarães, 19 de Novembro de 1926.

De V. Ex.<sup>a</sup> Ven.<sup>or</sup> e Obg.<sup>o</sup>,

Alfredo Dias Pinheiro.

## Sem insulto e com delicadeza

Custa-nos imenso ter de repetir a última local «Distracções», mas vemo-nos forçados a isso para que o público que nos lê e tiver lido o último número do *Pro Vimarane*, possa avaliar até que ponto foi a cegueira do autor de uma local publicada no mesmo jornal e que vomita quanto veneno possui para ver se consegue ferir o nosso prezado colaborador.

V. M., na sua saudação ao *Pro Vimarane*, teve simplesmente em vista avisá-lo de que lançar um jornal era fácil, mas difícil a cobrança do mesmo pelo motivo de que muita gente julga que um jornal fica de graça, não avaliando as enormes despesas que ocasiona uma publicação e haver muito *homem ao norte* que só devolve ao ser-lhe apresentado o rebêlo, dizendo nessa ocasião o que lhe lembra do jornal só para não pagar.

E o *Pro Vimarane*, na sua primeira fase, bem escaldado ficaria, não devendo estranhar que lhe falem agora dos caloteiros, que são sempre os que melhor recebem o jornal.

No final das «Distracções», bem mostra V. M. o seu entusiasmo pelo aparecimento de um jornal que promete defender os interesses locais, e que ele, sem companheiro, já vinha fazendo.

Estamos certos que é essa a intenção de V. M. e que terá a seu lado toda a gente sensata que, sem motivos reservados, lê as «Distracções».

Bem sabemos que com este esclarecimento vamos desgostar V. M., mas não podemos deixar de repelir a afronta e devolver ao autor da local todos os adjectivos ofensivos e espirituosos, com que pretende atingir quem no esta e desinteressadamente colabora no «Ecos de Guimarães».

### Pro Vimarane

Com a direcção «V. M. Nesta cá recebi o 1.º número da 2.ª série do «Pro Vimarane» que agradeço. Agradecimentos destes vão ter muitos, porque toda a gente julga, como eu, que o jornal vai ser, ou é, distribuído gratuitamente.

Quem escreve, e não falta quem, é grátis; papel é o que mais há, até me faz dores de cabeça tanta fartura sempre em minha frente; tinta é feita com cinza de troços de milho; as letras são do alfabeto, se não cortam-se de outros jornais já velhos, e o Grupo Pro Vimarane põe-nas nos seus sitios ficando o jornal feito sem dispendio de um real, pronto a circular e incutir amor (que te quero ver!) à terra que se não afundou quando a nossa Mãe nos pôz pela primeira vez no chão. Quanto mais o Grupo tem fundos e fundos que podem com a carga, se alguma houver para ele, o que não acredito. Quem, porém, faz mil jornais mais depressa faz mil recibos para ver se apanha o dinheiro aos leitores — o que querem é painço, etc. etc. mas que esperem, quando não vai um *devoivo* como um dez, nada menos.

O certo é que eu li o jornal que me agradou e disse para os meus polainitos que já cá fazia falta há muito para ver se me davam um parceiro, pois estava sózinho no Sahará cheio de sede e às moscas. Logo neste número me convenienci que vou ser condecorado com uma medalha de cortiça antes da aposentação, porque logo de entrada lembra a quem manda a questão da limpeza das ruas. Marquei um ponto. Quantas questões eu lembrei e o «Pro Vimarane» repetir quantos pontos marquei para minha satisfação única, para minha vaidade de ser, fora do Grupo Pro Vimarane, um pequenino, modesto e já idoso Pro Vimarane.

As minhas saudações. — V. M.

## Caluniadores!

Certo colega local continua a vosinar aos quatro ventos contra pessoas de bem que não são do seu agrado.

Como tem falta de assunto insultam julgando ter graça, como se não fôssem já conhecidos os seus processos desde a nascença do jornal.

Quem os pode acreditar, eles que nunca tiveram outro officio senão o de injuriar?

# Caminho de Ferro

de Caniços, por Taipas, Lanhoso e Vieira, a Basto

Nos artigos sobre tão urgente e importante tema mostramos as enormes vantagens deste projecto e, ainda, a conveniência de ser completado com um ramal de Ronfe a Famalicão.

No capítulo caminhos de ferro, são estes os que principalmente, para não dizer por forma quasi exclusiva, interessam à extensa região do vale do Ave.

As suas transacções comerciais fazem-se com o Pôrto, sede dos grandes armazens que lhes fornecem as indústrias e a lavoura e que a estas compram a respectiva produção; e com Leixões pôrto de embarque e desembarque de tudo o que constitui seu importante comércio com as Colónias e o estrangeiro.

Lógico é, pois, que os colossais interesses da ribeira do Ave, busquem defesa na rápida, fácil e económica comunicação com aqueles centros, evitando, tanto quanto possível, desvios que a afastem da linha recta, isto é, da directriz que o próprio Ave marca desde a nascente, no concelho de Vieira, a Caniços e Trofa, e, depois, do itinerário agora escolhido para o troço de ligação directa da Trofa com Leixões, pela Senhora da Hora.

Um simples exame do mapa mostra que esta directriz pouco se afasta da linha recta de Vieira a Leixões, solução ideal numa época em que, para não pecer, força é realizar todas as economias em tempo e dinheiro, e evitar trasbordos que deteriore e defraudem as remessas, onerando-as consideravelmente.

Ninguém contesta que nenhum mal adviria para a ribeira do Ave das linhas projectadas pela tenaz comissão bracarense, das quais uma se destina a cortá-la transversalmente nas Taipas, pretendendo-se com a outra sangrá-la em Lanhoso com um ramal de Monsul, freguesia do vale do Cávado, a Lanhoso, vila do Ave, através da serra do Carvalho que, para ser dominada, exigiria a construção de extenso e caríssimo tunel, ou de infinitos lacetes até ao alto do cêrro divisório das vertentes das cidades ribeiras.

Se a região do Ave se limitasse áquelas linhas, as mercadorias dos concelhos a montante de Lanhoso, teriam de ir a Braga para ali ou serem trasbordadas para a linha do Minho e Douro, ou seguirem daquela cidade, para Guimarães ou Barcelos, e só depois de longo, moroso e dispendioso itinerário chegarem ao Pôrto ou a Leixões. Pelo que respeita à região sita entre Lanhoso e Taipas, e à que vai desta estação terminal a Caniços e Famalicão, isto é a zona especial por excelência, continuaria enfeudada, como até agora, aos transportes

em carros de bois ou caminhos para vencer os longos percursos que separam os respectivos centros industriais das estações de Guimarães, Caniços e Famalicão, ou da futura estação das Taipas, onde, como dissemos, a projectada linha Braga-Guimarães deve passar.

Repito: se a Comissão bracarense entende que para os altos interesses com tanta alma e tenacidade por ela defendidos, ha conveniência em sair da área do seu vale, o do Cávado, e cortar o do Ave nas Taipas, ou enviar-lhe um ramal de penetração para Lanhoso, nenhuma dificuldade lhe deverá ser levantada pelos povos dali porque as linhas de comunicação constituem elementos aproveitáveis. Mas como o caminho de ferro que aos povos do Ave interessa é o marcado pelo curso fluvial que lhes fornece força e lhes rega os campos, para este, em primeiro lugar, devem convergir todas as atenções, tanto mais que projectando o Governo onerar os concelhos beneficiados com os encargos da garantia de juros do capital dispendido nas respectivas linhas, impõe-se toda a cautela e máxima previdência a fim de não agravar as forças vivas, em época de flagrante crise económica, com novas tributações a que não correspondem benefícios immediatos e bastante remunerativos.

Sobre os iniciadores de empreendimentos económicos, de que resultem encargos para a colectividade ou empates consideráveis de capitais, hoje tão necessários para o Fomento Nacional, pesa a tremenda responsabilidade da respectiva eficiência, razão porque importa serem estes assuntos olhados sem espírito de bairrismo, mas alvejando unicamente como finalidade a estrita defeza dos interesses regionais conjugados com os da Nação.

Em obediência a tais princípios, não me abalancei a esta propaganda sem prévio estudo de todas as facetas do problema, podendo afirmar que a linha de Caniços a Basto, por Taipas, Lanhoso e Vieira, com o ramal de Ronfe a Famalicão, é a que melhor serve os interesses regionais e nacionais, concorrendo para o progresso local e geral, sem o risco de sacrificios para os povos do vale do Ave, visto como a sua exploração, longe de se traduzir em resultados deficitários, ha-de constituir boa fonte de lucros para os que nela colocarem seus capitais.

Voltaremos ao assunto se a generosidade e gentileza dos amigos que superiormente dirigem este jornal a isso se não opozerem.

Pôrto, 8 de Novembro de 1926.

JOÃO ANTUNES GUIMARÃES.

## Publicações

### O Espozendense

Completo mais um ano de vida jornalística este nosso prezado colega de Espozende.

Por tal motivo lhe enviamos os nossos cumprimentos.

### A Nossa Terra

Também entrou no seu 3.º ano de publicação o nosso prezado colega de Vila Real de Santo António, «A Nossa Terra».

Os nossos cumprimentos.

### \* Sol \*

Passou a diário de larga informação este nosso distinto colega da Capital, dirigido pelo ilustre jornalista sr. Celestino Soares.

Felicitemo-lo pela transformação por que acaba de passar, tanto em formato como em colaboração.

### Casa Editora de H. Figueirinhas

#### NOVIDADES LITERÁRIAS

#### «Biblioteca das Famílias»

Acabam de sair mais os seguintes volumes, ao preço de 10\$00, constituindo mais um valioso litterário para esta acreditada Casa Editora.

*Espinho Branco*, por Guy de Maupassant, tradução de José Agostinho.

*O Segredo do Barido*, por Merlyan, tradução de Manuel de Melo.

*Sobre a Areia*, por Marie Le Mère, tradução de Sousa Martins.

*Diário dum Mãe*, por Henri Ardel, tradução de Oldemiro César.

*As Jóias da Princesa*, por Benê Guel, tradução de Florbela Espanca Lage.

*O Caminho da Felicidade*, por Orlson Swell Marden, tradução de Manuel José Rodrigues. — Preço 9\$00.

Encadernados mais 5\$00 cada.

## Casa Vende-se

No Largo Martins Sarmiento 102 de policia. Falar na rua de Camões, 57, das 12 às 14 horas.

NOTA—No «Jornal de Noticias» de 7 do corrente, opina o sr. Salgado que a directriz Ronfe, Taipas, Briteiros, Lanhoso, por mim proposta, devido a ser a mais curta, a mais suave é a que melhor serve os interesses do vale do Ave, deveria preferir-se a derivante Ronfe, Corredoura, S. Torcato, Proença, e, dali, pela estrada de Fafe a Lanhoso, para Basto.

Sobre constituir uma volta colossal incompatível com a economia de tempo e de custo dos transportes por mim alvejada, tal linha, uma vez em S. Torcato, encontraria pelo Norte a serra de Gonça, cuja portela mais baixa sobe a 400 metros de altitude, e do nascente a serra de Santa Marinha que nas suas passagens mais baixas, Bouça e Castanheira, atinge altitudes superiores áquela.

Só com um tunel formidável ou incomensuráveis lacetes seria possível a ligação ferro-viária de S. Torcato com a estrada Fafe-Lanhoso, o que é economicamente inviável.

Os interesses do vale do Selho farão parte dum artigo em que direi os motivos porque a linha Braga-Guimarães, no troço das Taipas à segunda daquelas cidades, teria manifesta vantagem em, alturas de Caneiros, flectir ligeiramente para a ribeira do Selho, até S. Lourenço e Aldão, e de lá subir gradualmente até entroncar com a linha de Fafe-Guimarães, ali por alturas de S. Romão de Mesão Frio.

J. A. G.

## CARTEIRA

## Aniversários

Durante a semana fazem anos as seguintes Senhoras e Cavalheiros:

*Domingo, 21—D. Noímia Loureiro e Dr. Filipe Augusto de Noronha Freire de Andrade.*

*Terça, 23—D. Adelaide Vasco Leão e Dr. José Júlio Vieira Ramos.*

*Quarta, 24—D. Josefa Adelaide de Meira e D. Maria Beatriz Monteiro de Meira.*

*Quinta, 25—D. Ana Emilia Taveira Pinheiro.*

*Sexta, 26—Tomás Rocha dos Santos.*

*Sábado, 27—D. Maria de Oliveira Matos e D. Júlia Tereza Ramos.*

## Dr. Eduardo Coelho

Já tomou posse do lugar de Delegado do M. Público, o ex.<sup>mo</sup> sr. Dr. Eduardo Coelho Martins de Almeida.

A Sua Ex.<sup>a</sup> os nossos cumprimentos.

## Tomás Rocha dos Santos

Após uma pequena estada entre nós, retira amanhã para a Capital, o nosso prezado amigo e ilustre jornalista, sr. Tomás Rocha dos Santos, que nesta cidade, merecê das suas belas qualidades de carácter, é muito considerado e estimado.

A Sua Ex.<sup>a</sup> agradecemos a amabilidade dos seus cumprimentos de despedida.

## Souza Lobo

Retirou para Viana-do-Castelo, onde foi colocado, o nosso bom amigo sr. Dominges Pereira Pinto de Souza Lobo, que em Guimarães exerceu o cargo de Secretário de Finanças, tendo aqui muitos amigos.

Agradecemos o seu cartão de despedida.

## Partidas e chegadas

Esteve esta semana entre nós o sr. Antonio de Carvalho Cirne, nosso distinto colaborador.

—Tem estado em Ponte do Lima o sr. João Rodrigues Loureiro.

## LEITARIA MODERNA

A casa preferida pela Sociedade Elegante

Pastelaria, Confeitaria, Champagne, Vinhos brancos e finos, Licôres, Cervejas e várias bebidas.

Especialidade EM CHÁ E CAFÉ

## ALFAIATARIA

— DE —

## Ribeiro, Filho

Participa aos seus amigos e fregueses que já recebeu o sortido de casimiras nacionais e estrangeiras para a presente estação, as quais vende aos mínimos preços da praça.

## Taipas

Conforme prometemos na última correspondência, vamos fazer um relato circunstanciado sobre a grande caça ao Gerez «de que não ha memória» promovida pelo Club de Caçadores desta localidade.

No primeiro dia de caça, devido ao mau tempo, houve apenas uma ligeira batida que nada deu. Regressaram ao acampamento que era feito em Albergaria, último posto florestal.

No segundo dia depois de almoço que foi às oito horas seguiram para a Serra. Dividiram-se em dois grupos tomando conta das respectivas passagens indicadas pelos prácticos seguindo os batedores no seu trabalho.

Terminou a batida ao meio-dia tendo sido mortos quatro javalis e um veado.

Voltaram ao acampamento e depois dum ótimo lunch realizaram segunda batida aonde mataram tres corças terminando a caça dêsse dia.

Terceiro dia almoço na forma do costume e seguem para a Serra, fazendo a terceira e ultima batida.

Principiou às nove horas terminando ao meio-dia devido ao mau tempo, sendo morto um enorme veado.

Sábado de manhã partiram de Albergaria para a Perguiça aonde tinham os automóveis que os conduziu a esta povoação.

Faziam parte da caçada 27 atiradores excluindo os batedores que não faziam uso d'armas.

Os javalis foram mortos pelos seguintes caçadores: Silvino Magalhães, do Porto, Joaquim Gonçalves, de Ronfe, José Braga, das Taipas e Artur Gomes, de Joane.

Corças: Pelos caçadores, Arnaldo Borges, das Taipas, Antonio Ribeiro, de Alães e Antonio Costa, aparelhado com Adelino Ramalho, das Taipas.

Veados: pelos caçadores Antonio Costa e Francisco Lopes aparelhado com Artur Gomes.

Todos os caçadores pertenciam ao Club desta povoação sendo dignos de elogio pela maneira como se portaram e souberam aproveitar a caça.

Numa das passagens aonde se encontravam os srs. dr. Manoel Almeida e Amancio J. da Silva, a grande distância atingiram uma raposa que ferida mortalmente não foi possível apanhá-la. São dignos tambem de elogio estes exímios atiradores.

A direcção dos serviços de cozinha, confiados ao nosso amigo Roberto Martins, foram esplendidos.

Tarde se fará uma caçada assim com tanto êxito e correndo na melhor das harmonias e entusiasmo.

—Com grande descaramento, continua a funcionar nesta povoação a tal escola particular, que se encontra totalmente fora da lei. Apezar do sr. inspector dêste circulo ter oficiado novamente á autoridade administrativa, daido-lhe conhecimento, esta ainda se não dignou cumprir com o seu dever.

Em face de tal vamos levar o nosso apêlo ás entidades superiores, para assim vermos se a lei se cumpre.

## Várias

## Farmácia aberta

Está amanhã de serviço a Farmacia Martins, na rua da Rainha.

## Estampilhas

As actuais estampilhas do correio só terão validade até 15 de Dezembro. Podem ser trocadas nas respectivas estações de Correio.

## Imposto de transacção

Prevenimos os senhores contribuintes de que o imposto de transacção em atraso, e que não for pago sem demora, será dentro de poucos dias enviado para relaxe.

Asilo de St.<sup>a</sup> Estefânia

Donativos recebidos durante o mês de outubro findo, oferecidos pelos ex.<sup>mas</sup> srs.:

Anónimo, 9\$10; Família da falecida senhora D. Margarida de Jesus Abreu, em sufrágio da sua alma, 25\$00; Simão da Costa Guimarães, comandante dos Bombeiros Voluntários, 50\$00; D. Branca Maria Alves Pedrosa Machado e marido, para as internadas ouvirem uma missa no dia 18, por uma intenção particular, 2 alqueires de centeio; Anónimo, 3\$00; Anónimo, 400\$00; D. Ana Ferreira Paiva, da Póvoa de Varzim, 17\$00. Total, 531\$10.

Em nome das contempladas, a Commissão Administrativa agradece, reconhecida, a todos os bemfeitores.

## Agradecimento

A FAMILIA do saudoso extinto Domingos Salgado Guimarães, agradece muito reconhecida a todas as pessoas que se dignaram assistir aos funerais que se realizaram por sua alma, bem como a todas as que religiosamente acompanharam o seu calaver ao cemiterio.

Egualmente agradece a todas as pessoas que se dignaram cumprimentá-la por tão doloroso e profundo golpe.

Guimarães, 20 de Novembro de 1926.

Já em uma das nossas últimas correspondências frizamos o facto que nos leva a assim proceder, sendo desnecessário voltar a repeti-lo.

—Sabemos que está para breve o enlace matrimonial do nosso amigo capitão-médico Machado Guimarães, com a sr.<sup>a</sup> D. Constança Antunes Guimarães, filha estremosa do sr. conselheiro Serafim Antunes e irmã do nosso estimado colaborador sr. dr. João Antunes Guimarães.

A cerimonia realiza-se em família.

—Esteve aqui de visita o nosso querido amigo Alfredo Borges, de Celorico de Basto.

—Também aqui vimos e cumprimentamos, na passada segunda-feira, o nosso valioso correccionário sr. António de Freitas Ribeiro.—(C.)

## NOTICIARIO

## Festividade

Realiza-se amanhã, na igreja paroquial de Santa Mariinha da Costa, uma imponente festividade ao Sagrado Coração de Jesus como conclusão da missão que, durante quinze dias, ali se tem celebrado pelo rev.<sup>o</sup> P.<sup>o</sup> Inocência do Nascimento e um outro ilustre eclesiástico.

## Os dez mandamentos do lavrador

1.<sup>o</sup>—Fazer lavouras perfeitas, nas terras que destina ao cultivo  
2.<sup>o</sup>—Estrumar convenientemente auxiliando essa estrumação com o emprego de adubos químicos.

3.<sup>o</sup>—Empregar boas sementes.  
4.<sup>o</sup>—Segundo as circunstâncias, executar trabalhos de irrigação e drenagem.

5.<sup>o</sup>—Não faltar com os animais indispensáveis, mondas, sachas, regas, etc.

6.<sup>o</sup>—Empregar máquinas que lhe facilitem o trabalho, tornando a cultura mais simples e económica.

7.<sup>o</sup>—Fazer a escolha dos animais de boas raças, e seleccioná-los como o faz para as sementes.

8.<sup>o</sup>—Dar uma alimentação abundante a todos os animais de sua casa.

9.<sup>o</sup>—Em caso de doença nos animais ou plantas, recorrer a quem saiba curá-los.

10.<sup>o</sup>—Associar-se aos que trabalham no seu mister, para dessa associação resultar força e vantagem para todos.

«(Correio do Minho) 21-X-921)»

## Dr. Alberto Baptista

Doenças da boca, dentes e maxilares

Rua Eugenio dos Santos, 36 LISBOA

## Antiga Casa das Sementes

## J. J. Vieira de Castro

RUA DE S. DAMASO — GUIMARÃES

Vende sementes d'ortaliças de todas as qualidades e bem assim, arvores de fruto de Pomar, oliveiras, castanheiros, eucaliptos e vides de diversas qualidades. Mato arnal e molar.

## ALUGA-SE

Aluga-se a casa das Lameiras, com quintal, nesta cidade. Falar com o solicitador Pimenta.